
Nem Tão Mais Voz das Selvas Assim: Reflexões Sobre o Impacto da Internet na Rádio Difusora Acreana¹

Wagner da Costa SILVA²
Universidade Federal do Acre, AC

RESUMO

Diante dos impactos provocados pela internet nas chamadas mídias tradicionais urge, cada vez mais, a necessidade de discussões que nos ajudem a compreender a sobrevivência e reposicionamento de tais meios no mercado da comunicação. Este artigo se volta à reflexão sobre o atual momento vivido pela Rádio Difusora Acreana, veículo que durante décadas foi o principal meio de informação do homem que habita os rincões da floresta amazônica com a capital Rio Branco e o restante do país, mas que com o avanço por entre seus varadouros da internet e da telefonia móvel tem visto a sua sobrevivência ameaçada. A pesquisa adota a revisão bibliográfica como procedimentos metodológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Difusora Acreana; rádio; internet

TECENDO APROXIMAÇÕES COM O TEMA

O mercado da comunicação passa por um severo processo de transformação. As mudanças interferem nas rotinas de trabalho dos jornalistas, na produção de conteúdos, no consumo e relação do público com os meios de comunicação e na própria sobrevivência das mídias conhecidas como tradicionais, o caso do jornal impresso, do rádio e da televisão, por exemplo. Como mola motriz desse processo de mudanças, temos a internet e as inúmeras conseqüências que suas possibilidades permitem.

Ao reunir texto, vídeo, imagens e sons em um mesmo espaço, a sua incorporação pelas empresas de comunicação provocou metamorfoses no processo de produção e distribuição de conteúdos. Também acarretou questionamentos sobre como as mídias já existentes deveriam se integrar a essa nova dinâmica. Esse turbilhão de mudanças veio acompanhado de um momento de crise para o mercado. Redações mais enxutas, veículos que passaram por fusão ou desapareceram, verbas publicitárias reduzidas são apenas alguns dados que pintam para muitos um quadro desolador.

¹ Trabalho apresentado na DT6- Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

²Professor Adjunto do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre, e-mail: wagnercostas@hotmail.com

Neste artigo, nos voltamos para os impactos provocados pela internet no rádio, uma das mídias de maior abrangência entre os brasileiros, mas que não ficou imune à tormenta que afetou as mídias tradicionais nas últimas décadas. Ressalte-se, no entanto, que a chegada da internet não foi o primeiro desafio que o veículo rádio vivenciou e teve que buscar um reposicionamento no mercado. Com a chegada da televisão ao Brasil na década de 1950, o rádio viu migrar, mesmo que lentamente para o novo meio, seu público, seus profissionais e anunciantes.

A perda das verbas publicitárias foi acompanhada – e, também, motivada – pela transferência de profissionais do rádio para a televisão. O espetáculo começa a migrar para o novo meio, que, ao acrescentar a ele a imagem, obrigava a busca de um caminho diferente sinalizado por itens até então minoritários dentro da programação – o jornalismo, as transmissões esportivas, o serviço para a população e a música gravada. Para cativar uma audiência massiva, o rádio usaria uma nova tecnologia: o transistor. (FERRARRETO, 2001, p. 137)

Com a chegada da internet, Meditsch (2001) destaca que:

O velho fantasma da extinção do rádio ronda mais uma vez os nossos estúdios, trazendo angústias e incertezas a seus profissionais e gerando confusão entre os estudiosos do meio. Agora, a ameaça se chama internet, o fenômeno que parece querer subjugar o mundo nesta virada do milênio, devorando todas as mídias que o antecederam, até mesmo a televisão, até há pouco tão garbosa no seu domínio sobre a civilização.

Parafraseando Meditsch, o objeto de estudo deste artigo, a Rádio Difusora Acreana, está sendo rondada pelo fantasma da extinção. Inaugurada em 1944, a emissora é parte de um momento robusto da economia acreana e amazônica, tendo em vista o papel estratégico que a região passou a ocupar durante a Segunda Guerra Mundial, sendo a principal fornecedora de borracha. Neves (1999) ressalta que a chegada do rádio ao Acre interrompe o isolamento vivenciado pelas populações do interior do estado.

Com a inauguração da Rádio Difusora Acreana, o homem que habitava os rincões da floresta passou a ter informações sobre a Segunda Guerra Mundial e o que acontecia na capital do Estado, a cidade de Rio Branco. Diante desse papel estratégico, a emissora cumpre a missão de aproximar a população das diferentes regiões do estado do Acre, transformando-se em um dos principais elos entre as pessoas do interior e da capital.

São comuns relatos de ouvintes que ao saírem de Rio Branco para as cidades do interior mandavam recados para os seus familiares por meio dos programas veiculados pela emissora avisando da sua chegada, de alguma doença ou do comércio de algum produto, entre outras informações. Por cumprir esse papel, a emissora ficou conhecida como A Voz das Selvas, pois permitia ao seringueiro do interior do estado se comunicar com outras localidades. Filas de ouvintes no prédio da Difusora para mandar mensagens era uma cena comum.

Todavia, com o avanço da internet e da telefonia móvel pelo interior do Acre, a procura das pessoas pelos programas diminuiu. Elas já não utilizam mais os microfones da Difusora para fazer a comunicação capital-interior-capital, mas mensagens por meio das redes sociais ou aplicativos como WhatsApp, por exemplo. Dessa forma, diminuiu a procura pelos programas, caiu a audiência e o interesse pela programação, o que coloca em cheque a própria sobrevivência da emissora. São essas conseqüências aqui destacadas o elemento motivador para produção deste artigo.

O RÁDIO EM TRANSIÇÃO

A internet chegou como um furacão transformador. Ao possibilitar a convergência de diferentes linguagens deu início a novas formas de produzir e consumir conteúdos. Transformou o leitor, ouvinte, telespectador em um sujeito mais ativo, dono das suas escolhas no ambiente virtual. Ao navegar por abas, links e hiperlinks o internauta vai construindo suas estradas, escolhendo o que ler, ver e ouvir aqui e acolá. Nesse navegar, o internauta vivencia processos convergentes de produção e consumo de conteúdos que, de forma cada vez mais acentuada, vemos se desenhando e solidificando no campo da comunicação

O processo de convergência implica em mudanças na produção, marketing, venda e distribuição de serviços de informação e comunicação. Significa disponibilizar as mesmas informações através de diferentes plataformas de rede (celular, Internet), e das mais variadas maneiras (texto, vídeo, som, de forma interativa ou não). O que decorre também em alterar a lógica como operam as indústrias midiáticas, ou seja, na forma como processam a informação e o entretenimento para o público desses meios. Mudanças que estão em sintonia com um tipo de consumo cotidiano de mídia cada vez mais convergente. Basta observar o comportamento dos jovens em relação a mídia. Hoje é comum que ele faça suas tarefas escolares utilizando o computador ao mesmo tempo em que mantém cinco ou seis janelas abertas, seja para navegar pela rede, escutar música, descarregar arquivos de MP3, usar o chat para falar com amigos, escrever e processar textos, tudo isso alternando rapidamente seu foco de atenção. (DEL BIANCO, 2010)

Para os profissionais da comunicação esse furacão não foi mais sutil. Os jornalistas se viram diante de um acúmulo de funções, de redações mais enxutas, tornaram-se malabaristas de tecnologias, muitas vezes apenas uma, o telefone celular. Os filtros internos nas redações foram sendo eliminados. Figuras como a do revisor, do pauteiro, entre outras, desapareceram ou sofreram redução na quantidade de profissionais dentro dos jornais, revistas, televisões e rádio.

Para as empresas de comunicação o momento também foi de mudanças. Os jornais impressos assistiram a redução de suas tiragens e, em muitas cidades do interior, inúmeros periódicos deixaram de circular. As rádios, na busca de se reposicionar no mercado, migraram para o ambiente da internet ganhando suas versões *online*. O mesmo acontece com as emissoras de televisão que passaram a disponibilizar seus conteúdos em sites, portais ou aplicativos. O momento é de mudança. De busca por sobrevivência.

Assim como as demais mídias, o rádio também vive um processo de mudanças. “Com 90 anos de história no Brasil, o rádio necessita buscar as melhores formas de aproveitar as novas tecnologias para revitalizar sua programação e manter o carisma e a audiência de milhares de emissoras espalhadas pelo vasto território brasileiro.” (MAGNONI; RODRIGUES, 2013)

No texto “Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais”, a pesquisadora Gisela Ortriwano destaca que apesar de todos os seus problemas, o rádio sempre reagiu. Agora, mais uma vez, ele não deixa de mostrar sinais de seu renascimento, procurando caminhos para corrigir suas distorções.

Nesse novo momento, o rádio ganhou em qualidade, interatividade e investe em uma reconstrução de sua imagem frente ao mercado publicitário e aos ouvintes.

As vantagens seriam a melhoria da qualidade do som e mais opções para os ouvintes, como letreiros digitais com informações complementares como nome da música transmitida, notícias e previsão do tempo. Consumo menor de energia elétrica, aumento da interatividade e novas formas de participação do mercado publicitário também fazem parte da lista de mudanças trazidas pela digitalização. Contudo, esse processo ainda depende de decisões técnicas, políticas e econômicas, além de que várias emissoras precisariam passar por reformulações estruturais. Tais fatores têm dificultado o avanço em questão. (MAGNONI; RODRIGUES, 2013)

Destaque-se que abraçar o novo cenário que surge é parte de um processo de transformação de uma mídia que está dentro de uma competitiva estrutura econômica,

que disputa anunciantes, público, audiência e, para permanecer competitiva, tem que se adaptar a um novo momento.

Cada nova tecnologia que é inserida no cotidiano organizacional e profissional irá alterar o modo de trabalho nos veículos. Ela também melhora a qualidade do conteúdo e altera o formato e a definição da mensagem emitida, além de ampliar as possibilidades de interação com o público. Ou seja, a mudança tecnológica incide diretamente no resultado econômico, na ação profissional, nos sentidos das linguagens e da estética dos meios. E, sobretudo, repercute na maneira do público receber, interpretar e interagir com as mensagens recebidas.

Nesse namoro ainda em construção, quem não se adapta às novas regras parece fadado a ficar à margem da relação estabelecida com o mercado e com grande parte do público que vem construindo novas formas de consumir os conteúdos oriundos dos meios de comunicação. O consumo tornou-se parte do ir e vir no cotidiano da vida. Por meio de *smartphones*, consomem-se os produtos que chegam das mídias tradicionais em todos os lugares e momentos. Quem tem seus conteúdos não disponíveis em diferentes plataformas vê reduzir sua audiência ou ganhar menos anunciantes. E, dessa lógica, o rádio não está fora. Ele busca se reinventar, tece novas possibilidades, procura se manter vivo.

Com o advento da web, empresas em geral começaram a colocar suas páginas na internet para uma interface com o consumidor. O rádio viveu o mesmo processo e muitas emissoras passaram a ter um site na rede, com informações sobre a empresa e os locutores, letras de músicas, tabela de anúncios publicitários, etc. Aos poucos, as rádios também passaram a ofertar a transmissão on-line, isto é, um único produto midiático podendo ser acessado simultaneamente no aparelho de rádio e no computador.

Encontrar o seu espaço no mundo que se desenha por meio das possibilidades que a internet tem propiciado é atualmente um desafio para todas as mídias, inclusive o rádio, uma mídia secular que sempre caracterizou-se por construir uma relação de proximidade com o ouvinte.

No caso do rádio, é certo que seu futuro é digital. Mas é muito mais do que isso. O futuro do rádio está na internet e, certamente, as próximas gerações vão ouvir rádio num aparelho onde há possibilidades, além do áudio, de vídeo, telefonia, texto, transmissão e recepção de dados. Não há dúvidas de que o futuro do rádio está na grande rede que transformará o mundo, como sentenciara McLuhan, numa aldeia global.

É no universo da rede mundial de computadores que o rádio tem buscado se reconfigurar, encontrar novos caminhos, testar novas possibilidades. Seu conteúdo tem sido consumido em *smartphones* em todos os lugares e hora, além de ouvidos os seus produtos também são vistos, pois o rádio ganhou imagem sendo visualizado na TV ou em computadores, seus conteúdos são multi linguagens como reivindica o universo das redes.

RÁDIO DIFUSORA: UMA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

A história da Rádio Difusora Acreana se confunde com a história do Estado do Acre. Por seus estúdios a política, a sociedade e os artistas locais desfilaram. Seu início remete à próspera época vivenciada pela região amazônica na década de 1940 quando o comércio da borracha se tornou uma lucrativa fonte de renda. Nesse período, os estados da região viveram um momento de prosperidade que culminou com a chegada de “coisas modernas” como, por exemplo, aparelhos rádio-receptores.

Na década de 40, chegam aos mais importantes seringais acreanos os primeiros rádio-receptores da região. Nessa época, a Amazônia assumia um novo papel estratégico no fornecimento de borracha aos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial e o Acre voltou a viver ares de desenvolvimento econômico e social, depois de trinta anos de abandono e decadência. (SILVA e MENDES, 2015, p.214)

Com a chegada desses rádio-receptores, os homens que habitavam as regiões do interior do estado renovaram a esperança de sair do isolamento e não demora para ser implantada a primeira emissora de rádio no Acre.

Em julho de 1944, durante o governo de Silvestre Coelho, chega a estação de Rádio Difusora, que foi instalada nas dependências do Instituto Getúlio Vargas, atual Colégio Acreano, e no dia 07 de agosto do mesmo ano foi feita uma transmissão experimental da primeira emissora do Acre. Na ocasião, o governador, em seu pronunciamento, declarou o desejo que a rádio fosse um instrumento de desenvolvimento intelectual e de progresso do Acre. (SILVA e MENDES, 2015, p,214)

Os primeiros anos da pioneira emissora no radialismo acreano foram marcados por dificuldades. Por longos períodos ficava fora do ar. Apenas em maio de 1947 é que as transmissões tornaram-se regulares e não sofreram mais interrupções. A sede própria só foi inaugurada em maio de 1949, espaço onde a Difusora está localizada até os dias de hoje. O sucesso da programação foi vertiginoso e a rádio tornou-se um elemento de

integração da capital Rio Branco com o interior e os demais estados da Amazônia. Neves (1999) relata que com entusiasmo os locutores da emissora recebiam telegramas do Pará, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná.

A programação da Difusora, à época, seguia o modelo que estava em evidência no restante do país. Programas de auditório, rádioteatro, gincanas estudantis que garantiam o sucesso da emissora. Sobre o rádio da década de 40 e esse modelo de programação, Ferrareto faz o seguinte relato:

O viveria aquela que é considerada a sua época de ouro, caracterizada por uma programação voltada ao entretenimento, predominando programas de auditório, radionovelas e humorísticos. A cobertura esportiva também ocupa o seu espaço. O radiojornalismo, por sua vez, ganha força à medida que o país se envolve na Segunda Guerra Mundial. O veículo adquire, desta forma, audiência massiva, tornando-se no início dos anos 50, principalmente por meio da Nacional, a primeira expressão das indústrias culturais no Brasil. (FERRARETO, 2001, p. 112)

A partir de 1959, começaram a ser produzidos programas direcionados aos municípios do interior. O roteiro compreendia melodias, notícias sociais e culturais, assuntos administrativos e comerciais. Cada município tinha o seu próprio espaço, uma forma de integrar as diversas regiões acreanas.

A Rádio Difusora Acreana foi ganhando durante os anos uma preponderante importância junto ao povo acreano, digo até mesmo, uma essencial e fundamental importância na vida de cada um dos seus ouvintes, já que a rádio servia de instrumento de comunicação, de integração social para os acreanos, onde o povo aqui ficava sabendo das notícias do país e do mundo, e integrando o próprio povo acreano entre si, ou seja, integrando a cidade com o campo, a cidade com os longínquos seringais, colocações do Território acreano através do serviço de mensagens. (CIDREIRA, 2014, p.92)

A penetração da emissora no interior do Estado e a relação estabelecida com a população quando da chegada da televisão foram importantes para a sobrevivência da rádio nesse momento delicado. Na disputa com a televisão, para Neves (1999), a Difusora se sobressaiu quando suas transmissões conseguiram alcançar toda a população do interior, os moradores dos mais distantes seringais da Floresta Amazônica, onde a televisão não teria condições de chegar.

O momento atual é novamente de dificuldades para a pioneira do rádio acreano. Agora o adversário não é mais a televisão, sim a internet e a telefonia móvel que

passaram a cumprir um papel que antes em grande parte era feito pelos programas da Rádio Difusora.

Antes da expansão da internet pelas localidades do interior, programas como o “Correspondente Difusora” era o meio utilizado por muitas pessoas para enviar mensagens aos parentes. No entanto, para mandar mensagens as pessoas tinham que ir até a emissora entregar o aviso ou ligar para um dos programas e conseguir um espaço. Hoje, essa troca de mensagens é feita por telefone celular, redes sociais ou aplicativos de mensagem. Uma nova dinâmica que impactou significativamente.

Atualmente o programa de mensagens atende apenas dez por cento das localidades que atendia há dez anos. Os locais nos quais o “Correspondente Difusora” ainda atinge, são aqueles aonde a energia não chegou e consequentemente a Internet também não, regiões remotas do estado que ainda se utilizam de motores para sintonizarem o programa no aparelho de rádio. São eles: Riozinho do Rola com abrangência de noventa por cento da população, parte dos ribeirinhos do Rio Purus, Rio Antimarí, Estrada Transaereana, Projeto Oriente, Vila Caquetá (estrada de Boca do Acre) e Reserva Chico Mendes. (CABRAL, 2018, p.54)

Percebe-se que como grande parte do interior do estado já tem acesso a energia elétrica, novas dinâmicas comunicacionais se instalaram e foram incorporadas ao cotidiano de seus habitantes. Durante décadas essas pessoas tiveram o rádio como único meio de comunicação disponível, já que nos rincões da floresta a televisão demorou a chegar e os jornais e as revistas quando chegavam eram meses ou semanas depois de sua publicação, o rádio era, assim, a principal fonte de informação. Uma parte integrante da vida, uma companhia, um meio de ter contato com a capital Rio Branco, pois não era necessário o uso de energia elétrica para que funcionasse em meio a imensidão da floresta, bastava ter pilhas.

Antes da fabricação desse tipo de rádio, o aparelho era importado, de tamanho maior, valvulado, elétrico e muito caro. Com a fabricação do rádio à pilha, esse objeto tornou-se popular e se propagou rápido no território acreano, já que podia atingir grande parte de sua população. A maioria da população acreana estava concentrada nas zonas rurais, onde a luz elétrica ainda não havia chegado, logo, o rádio à pilha, e claro, as pilhas, se tornaram objetos preciosos para grande parte dessas pessoas. (CIDREIRA, 2014)

Para Cabral (2018), o programa “Correspondente Difusora” teve sua programação afetada em mais de noventa por cento. Diminuiu a quantidade de mensagens recebidas, o tempo de duração e a quantidade de pessoas em busca do

serviço oferecido. Em seus tempos áureos, chegou-se a ter três de programa destinados a veicular mensagens dos ouvintes para familiares e amigos que moravam no interior, hoje o tempo dedicado a essa atividade chega no máximo a 20 minutos. A duração que chegou a ser de três horas hoje não ultrapassa trinta minutos.

Todavia, deve-se destacar que essa redução registrada no interesse pelo programa de maior audiência da emissora e as diversas incertezas sobre o futuro da Difusora estão dentro de um quadro maior, que é o de retração no consumo das mídias tradicionais que ganha contornos cada vez mais acentuados. Assim como as demais mídias, uma das estratégias adotadas pelo rádio para buscar um reposicionamento no mercado foi migrar a programação das emissoras para o ambiente da internet.

Azevedo e Madeiro (2017) destacam que a migração em massa das rádios para a Internet começou no Brasil nos anos 2000. Nesse primeiro momento, os sites das emissoras eram a porta de entrada para o ouvinte que quisesse ouvir a estação. Por meio de suas páginas oficiais, as rádios divulgavam seus links com transmissão ao vivo.

Assim também aconteceu com a Rádio Difusora Acreana que há oito anos passou a disponibilizar seus conteúdos na internet. A entrada da emissora na rede mundial de computadores foi decorrente de uma necessidade de sobrevivência, pois ela reconhecia que estava ficando ultrapassada diante do avanço de novas tecnologias que já estavam afetando sobremaneira a audiência no interior. No entanto, como destaca Cabral (2018), a audiência sofreu pouca alteração.

Além da disputa com as novas tecnologias, a emissora ligada ao estado ainda sofre com os poucos recursos destinados à sua manutenção e compra de novos equipamentos, algo essencial para a prestação de um melhor serviço à comunidade e modernização de sua forma de produzir e distribuir conteúdo principalmente no cenário de multilinguagens que as emissoras de rádio vivenciam atualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às vésperas de completar um século em nosso país, o rádio se vê diante de um novo desafio: garantir o seu espaço em um mundo que parece se construir na internet. A rede mundial de computadores ampliou a oferta de informação, promoveu mudanças nos processos de produção e distribuição de conteúdos e, cada vez mais, reúne todas as linguagens num processo de convergência que ainda não tínhamos assistido. Como

estratégia de reposicionamento no mercado, as rádio encontraram seu espaço na internet e lá testam novas possibilidades.

No entanto, como mostram algumas das reflexões deste trabalho, as empresas de comunicação ainda buscam se reerguer diante de um furacão de mudanças que abalou certezas que até pouco tempo pareciam cristalizadas. A Rádio Difusora, objeto de estudo deste artigo, é um exemplo. Primeira emissora de rádio implantada no Acre, viu a procura por seus programas diminuir nos municípios do interior após a chegada da internet e da telefonia móvel, avançado proporcionado pela chegada da energia elétrica nos lugares mais distantes da Floresta Amazônica. A rádio se caracterizou durante toda a sua existência por programas de envio de mensagens que ligavam a capital Rio Branco aos municípios do interior, mas que viu essa função passar para as redes sociais ou aplicativos de troca de mensagem. Dessa forma, a emissora deve lutar para encontrar novamente seu espaço e se manter viva entre os acreanos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Júlio Arantes. MADEIRO, Carlos. **Audiência no rádio expandido: uma análise do aplicativo RadiosNet**. Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 08, n. 02, pp. 114-137, jul./dez. 2017.

CIDREIRA, Jefferson Henrique. **Ondas hertzianas no ar: a inserção da “Voz das Selvas”**. Revista Monções, Campo Grande, pp. 85-99, v. 1, n° 1, Setembro de 2014.

CUNHA, Carla Cabral da. **O impacto da Internet no Programa Correspondente Difusora**. Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre. **Rio Branco. 2018.**

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio no ar: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

MAGNONI, Antonio Francisco. RODRIGUES, Kelly De Conti. **O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação: contextos, produção e consumo**. In: 9º Encontro Nacional de História da Mídia. Ouro Preto, 2013.

MEDITSCH, Eduardo. **O ensino do radiojornalismo em tempos de internet**. In DEL BIANCO, Nélia e MOREIRA, Sonia Virginia (Orgs.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom; Rio de Janeiro: Uerj, 2001.

NEVES, Marcos Vinícius. **História da Difusora Acreana**. In: Revista Voz das Selvas. Rio Branco: Fundação Elias Mansour, 2002.

SILVA, Wagner da Costa. MENDES, Lyslande de Melo. **Entre poesias e luta: Nilda Dantas e o Rádio Acreano**. In MENDES, Francielle Maria Modesto. QUEIRÓS, Francico Aquinei Timóteo e SILVA, Wagner da Costa. Pesquisa em Comunicação: Registros, Olhares e Narrativas. AMCGuedes. Rio de Janeiro. 2015.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais**. São Paulo: COM-ARTE, 1987.